

**Turismo pedagógico: um olhar acerca da formação do sujeito crítico
por meio da prática de mediação museológica**

DOI: 10.2436/20.8070.01.156

Ismael da Costa Nascimento

Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
Consultor da Egali, Irlanda.
E-mail: ismaelcn@live.com

Joyce Kimarce do Carmo Pereira

Doutoranda em Estudos Interdisciplinares do Lazer pela Universidade Federal
de Minas Gerais, Brasil.
Professora da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.
E-mail: joycekimarce@hotmail.com

Resumo

Este artigo sintetiza os resultados de uma pesquisa que objetivou compreender a prática do Turismo Pedagógico no Instituto Inhotim através do programa de arte e educação proposto pelo complexo museológico. Como objetivos específicos o presente trabalho analisou de que forma a proposta do Turismo Pedagógico é aplicada no museu, as ferramentas educativas utilizadas, a assimilação da prática por parte dos indivíduos e como esse processo contribui para a formação do sujeito crítico. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, a qual contemplou estudo de caso, pesquisa bibliográfica e análise de mapas mentais, tendo como base o Guia Básico de Educação Patrimonial. Como resultados constatou-se a integração do museu com a sociedade por meio do Turismo Pedagógico, onde a visita mediada proporcionou uma mudança de valores e no sentimento de pertencimento dos educandos. O processo de ressignificar a arte por meio da mediação, além de revelar os sentidos e significados mais íntimos dos indivíduos, descortinou preconceitos e discriminações. Dessa maneira, notou-se, o papel da prática de mediação que transpõe os muros do museu, estimulando os indivíduos a refletirem sobre a própria vida. Logo, ao detectar mudanças de pensamentos e atitudes no público investigado, ratificou-se o papel transformador do Turismo Pedagógico para o processo de formação dos sujeitos críticos.

Palavras-chave: Turismo Pedagógico. Mediação. Educação patrimonial. Museu. Sujeito crítico.

1 INTRODUÇÃO

A educação pensada como fenômeno existente em qualquer sociedade é considerada como responsável pela manutenção das organizações. Ela abrange aspectos dos modos culturais de ser e agir, bem como tem o papel de moldar o sujeito no grupo ou sociedade a qual pertence. Segundo Durkheim (1978), no que tange ao processo de sociabilização, a educação é exercida nos diversos espaços de convívio social, especialmente quando são áreas relacionadas à adequação do indivíduo na sociedade.

A escola, é um dos espaços sociais mais recorrentes na prática da educação, onde através de direitos e deveres, há uma organização estabelecida em uma estrutura padrão para os currículos do ensino. O ministrado tido como “ideal” baseia-se em princípios, garantias e condições, que culminam em uma educação de qualidade. Lowenfeld e Brittan (1977) defende a autonomia dos educandos, onde o docente não deve ser doutrinador, ou seja, precisa cumprir o dever de não impor padrões e regras a serem seguidos.

Com vistas a criar um novo modelo de educação e transcender os muros da escola, é possível desenvolver pontos educativos em diversos locais das comunidades, tais como: praças, quadras, parques, museus, dentre outros. Assim, os lugares podem ser transformados em sala de aula, tal como explica Terena Zamariolli (2011):

Ao caminhar pela rua com os alunos, nos deparamos com uma série de potenciais educativos: as placas, o mapa do caminho, as pitangueiras, a loja da esquina. Assim, uma simples volta no quarteirão se transforma em uma experiência de aprendizagem, na qual vivenciar o conhecimento faz com que ele se torne mais significativo. (ZAMARIOLLI, 2011, p.66).

Vivenciar o conhecimento faz com que o aluno vincule a aprendizagem ao seu cotidiano, fazendo ligações desses saberes com sua vida. Desse maneira, a formação ampliará a sensibilidade, o reconhecimento, a experiência, fazendo com que se crie um repertório cultural.

Em 1990, de acordo com Parreira (2010, p.248) deu início a um novo modelo de educação, visto que o ensino ocorria em outros espaços que não fossem o da escola, como museus, espaços culturais e centros educacionais. E com isso, denominou-se a educação realizada nesses espaços de educação não formal. Uma das formas deste modelo educacional pode ser por meio do Turismo Pedagógico, pois segundo Ana Flávia Peccatiello pode servir como:

[...] ferramenta educacional por promover a interdisciplinaridade. Esta característica compreende a interrelação entre as disciplinas e também a interação entre ciência e ser humano, confluindo para a formação de pessoas mais críticas, com condições para, ao invés de reproduzir, produzir conhecimento e, por conseguinte, capazes de desenvolver a ciência e não simplesmente, absorvê-la. (PECCATIELLO, 2005, p.25).

Sendo assim, o viés da educação o qual melhor se adéqua a questão do turismo pedagógico e o processo de experiência estética é a educação patrimonial, pois o

patrimônio: “[...] é detentor de elementos de representatividade subjetivas, compreensíveis apenas aos que, com o mesmo, estabelecem relações de construções de saberes, sejam eles identitários, históricos ou culturais”. (GONÇALVES, 2003, p.32).

É possível entender pelas palavras da autora, que o patrimônio, considerado coletivamente, apresentará expressão histórica se houver representatividade no cotidiano das pessoas. Chega-se, portanto, à Educação Patrimonial, como aquela cujo caráter pedagógico e didático utiliza-se do Patrimônio Cultural “nos seus múltiplos aspectos como instrumento de ação e de construção do conhecimento” (FUNDARPE, 2011, p.122). E aliado a esse processo, encontram-se os museus de acordo com o Comitê Internacional de Museus (ICOM), é um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras o conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos, zoológicos e aquários.

Porém, pode-se dizer que a implantação de abordagens educativas em museus é recente, pois, sua ocorrência se deu devido ao fato destes espaços perceberem a frequência de um público menos elitizado, constituído pela população em geral, a qual está cada vez mais acessando àqueles espaços culturais. De acordo com Marandino (2003), com o crescimento desta prática de turismo, os museus começaram a criar espaços educativos e programas educacionais para que o novo público, considerado “leigo”, pudesse, por meio da visita mediada, ter uma melhor compreensão do acervo dessas instituições.

Preocupados com o uso educacional dos acervos expostos, alguns museus começaram a criar estratégias para que o público em geral pudesse comunicar-se com a exposição. Segundo O’Doherty (2002), uma dessas estratégias diz respeito a disponibilização de um profissional que pudesse estabelecer um diálogo entre o visitante e o objeto de apreciação. Dessa forma, surgiram os mediadores os quais, nos espaços museológicos, usam práticas educativas para a criação de um vínculo entre o sujeito e suas experiências.

Como alega Marandino (2008), a exaltação de projetos pedagógicos em museus, principalmente nas visitas escolares, fez com que os serviços educativos fossem de alguma forma valorizados, o que trouxe à tona propostas educacionais e atividades pedagógicas antes incipientes. Entretanto, dificilmente encontra-se nos museus uma equipe composta por profissionais especializados na área de atuação específica da instituição e educadores com formação pedagógica necessária para atender ao público escolar.

Devido à incipiência desses profissionais qualificados, muitas visitas, sejam elas escolares ou voltadas ao público livre, acabam perdendo o caráter educativo, e o museu, conceituado enquanto uma instituição educacional torna-se apenas um ambiente para distração e escapismo.

Mas o que poderia ser feito para reverter essa realidade? Seguindo uma corrente oposta ao cenário exposto acima, o Centro de Arte Contemporânea e Jardim Botânico Inhotim, desenvolveu dois programas principais: o Programa Escola Integrada e o Programa Descentralizando o Acesso. São projetos de educação continuada para crianças e adolescentes na área de arte e educação. De acordo com o próprio instituto, seu setor educativo procura, por meio de ações pedagógicas, democratizar o acesso ao acervo artístico e botânico do museu. Com atividades que potencializam a fruição e a compreensão em arte, o visitante é convidado a produzir reflexões sobre a produção artística contemporânea e sobre a sociedade.

Em face desse cenário, o estudo visa compreender a prática do Turismo Pedagógico no Instituto Inhotim através do programa de arte e educação proposto pelo complexo museológico, e para isso, procura analisar de que forma a proposta de Turismo Pedagógico é aplicada, as ferramentas educativas utilizadas, a assimilação da prática por parte dos indivíduos e como esse processo contribui para a formação do sujeito crítico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Apresentação do Inhotim: Um espaço de múltiplos olhares

Inhotim é um complexo museológico de arte contemporânea e coleção botânica, localizado em Brumadinho-MG, idealizado por Bernardo Paz em meados da década de 1980, quando o proprietário do terreno começou a se interessar pela coleção de obras de arte que vão desde a década de 1960 até os dias atuais. A coleção estendeu-se em número de obras, dos mais distintos gêneros artísticos, englobando desde pinturas, esculturas, obras cinematográficas e auditivas. Não menos importante é o acervo botânico o qual possui influências inspiradas pelo paisagista Burle Marx.

Arte e educação, é o núcleo que oferece o programa de visita mediada relacionada ao acervo artístico, tal setor integra a Diretoria Artística do espaço. Essa equipe é responsável pelo desenvolvimento de ações educativas que potencializam a fruição e a relação do público com o instituto e os acervos. Assume, portanto, o desafio de propiciar a acessibilidade de públicos diversos (em formação escolar e visitantes espontâneos) à cultura e à arte contemporânea.

O programa educativo do instituto propõe um novo paradigma para a educação em museus, o qual prioriza a autonomia do sujeito na experiência por meio do deslocamento e possibilidade de relação entre diferentes campos (escolas, comunidades, turistas dentre outros). Compete a arte e educação, implementar, desenvolver e sistematizar as ações educativas no Inhotim, conectando-as com a comunidade no entorno e com o público diversificado que o visita.

Desde 2008, o Programa escola Integrada Inhotim é desenvolvido em conjunto pelas equipes de Arte e Educação, Educação Ambiental e Monitoria de Área. Trata-se de um programa voltado para o atendimento das escolas da rede municipal de Belo Horizonte, as quais participam dele por intermédio do programa de visita estendida para os alunos, do programa de formação de professores e de seu retorno para o desdobramento e realização de atividades propostas pelos próprios professores no Inhotim.

O Programa faz uso de agentes da comunidade e de parcerias com universidades para compor uma equipe diversificada, que possa associar os conteúdos de forma crítico-reflexiva aos alunos, com vistas a contribuir com o desenvolvimento das competências e, ao mesmo tempo, tornarem-se participantes ativos de suas comunidades, onde o instituto se propõe a enxergar a educação para além da escola, articulando diversos atores e instituições na construção de redes que se responsabilizem pela educação das crianças e jovens.

2.2 Um panorama acerca do Turismo Pedagógico e suas nuances

Com a abertura para a visitação, houve por parte do instituto Inhotim uma preocupação relacionada à acessibilidade das diversas segmentações de público, a fim

de democratizar o museu. Nesse contexto, foram inseridas as visitas escolares, como forma de trabalhar através dos acervos da instituição uma perspectiva educacional. Segundo Barretto (2008):

Muitos museus abriram suas portas para o turismo encontrando na atividade uma fonte de sustentação com a cobrança de ingressos, venda de *souvenires*, de réplicas, catálogos, oferecimento de cursos e palestras, apresentações culturais como teatros e shows musicais, incorporação de bares e restaurantes, a fim de se atrair um número maior de público, contribuindo para que essas instituições se consagrem como referências culturais, de lazer e principalmente, auxiliando nas divisas para que o museu se sustente. (BARRETTO, 2008, p.96).

Diante do cenário exposto, as escolas estão levando os alunos aos museus com o intuito de tornar os conteúdos trabalhados em sala de aula mais instigantes, por estas instituições possibilitarem uma maior interação com o espaço que os circunda, além de facilitarem a construção do aprendizado. Dessa forma, nota-se um sinergia entre a educação formal e a não formal, sendo a última detentora de um papel:

[...] relevante na complementaridade do ensino formal, em uma relação de interação de possibilidades educativas, contribuindo para uma formação mais ampla do estudante, especialmente por permitir novas descobertas em ambientes diferentes da sala de aula, estimulando o conhecimento e o enriquecimento da vivência cultural e, ainda, desenvolvendo um olhar e pensamento críticos. (RUBIM, 2010, p.19-20).

O Turismo, nessas condições, nos indica a necessidade de os visitantes serem tratados não apenas como turistas, mas, especialmente, como educando, pois isso é crucial para que possam internalizar os conhecimentos, tanto os adquiridos em sala como aqueles a serem vivenciados ao conhecerem o atrativo.

De acordo com Mello Filho (1999) a educação de maneira geral requer espaços que visem à apreciação e valorização da natureza e da sociedade, sob um viés de respeito à diversidade cultural e étnica. Para o autor o espaço da educação é aquele da criação, da descoberta e do novo, tendo como respaldo o passado. Os *Grand Tour* são a origem do fenômeno em estudo, tratando-se de viagens educativas, as quais jovens abastados de nacionalidade inglesa faziam na Europa entre os séculos XVII e XVIII.

Hoje, o conhecimento acerca do turismo pedagógico é difundido e adotado pelas instituições de ensino. Apesar de antigo, alguns autores concordam em afirmar o aprendizado como finalidade de muitas atividades do turismo, o que não significa que tenha sido adotada de muito tempo. As indicações da prática comum do turismo pedagógico são recentes, sendo na atualidade tal segmento se tornou mais expressivo:

O Turismo Pedagógico é um segmento que vem adquirindo cada vez mais espaço, como forma de proporcionar uma experiência turística e educativa ao público para o qual é destinado, essencialmente, o infante-juvenil. Experiências essas, respectivamente caracterizadas a partir dos deslocamentos e dos momentos de lazer realizados nas visitas e pela capacidade de vivenciar a teoria na prática e desenvolver

um novo olhar sobre assuntos aprendidos em sala de aula, entre outros fatores. (RUBIM, 2010, p.13).

Distanciando-se das concepções de turismo que preveem deslocamentos e viagens com tempos mínimos delimitados, o turismo pedagógico se dá em períodos que podem ser inferiores a vinte e quatro horas e espaços que podem fazer parte do cotidiano dos praticantes, não oferecendo, a princípio, novidades a estes (PECCATIELLO, 2005). Esta prática se dá, normalmente em curtos intervalos de tempos, condições que não a impossibilita de ser caracterizada como atividade turística, pois conforme Gastal e Moesch (2007), o que faz a diferença neste sentido é o estranhamento.

Aquilo que é comum, pode se tornar interessante ao receber um novo olhar, um novo significado. Mesmo que sejam espaços comuns aos visitantes, é necessário que através dessa prática se instigue um novo olhar, levantando questões que favoreçam questionamentos acerca do que é visto bem como os valores enraizados na cultura dos visitantes.

Visando à formação crítica dos sujeitos, pensa-se nessa formação como atividade humana “que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano, sem que por outro lado essa atividade seja concebida com o caráter estritamente utilitário” (SILVA, 2011, p.22). A formação para a autora abrange a práxis, conforme exposto no excerto abaixo:

[...] contém as dimensões do conhecer – da atividade teórica – e do transformar – a atividade prática–, numa indissociação entre ambas: teoria e prática. Toda práxis é atividade, mas nem toda atividade ou prática é práxis, pois esta tem sua especificidade distinta de outras com as quais pode estar intimamente vinculada. (SILVA, 2011, p.22).

Pensando dessa maneira, na formação do sujeito crítico no contexto do turismo pedagógico, tem como potencial aliar a teoria e prática, para Beltrame (2008) tal segmento possibilita aos alunos se sentirem pertencentes à sociedade e se descobrirem como seres sociais, afinal ele: “liberta, auxiliando as pessoas a serem mais críticas, criativas, livres e ativas”. (BELTRAME, 2008, p.58). Seguindo a mesma linha de raciocínio Louzeiro (2019) explicita variadas possibilidades de se trabalhar o conhecimento, acreditando no turismo pedagógico como uma:

[...] oportunidade de explorar a relação homem - espaço, nas mais variadas perspectivas de análise do conhecimento humano (geográfico, físico, biológico, ecológico, social, etc.) de forma interativa, divertida e multidisciplinar, emprestando o olhar crítico do turismo, em situações cotidianas de viagens técnicas. (LOUZEIRO, 2019, p.4).

Nesse cenário, a mediação é uma das metodologias educacionais a qual proporciona ao educando vivenciar o conhecimento através do turismo, tal prática faz com que o aluno possa associar a aprendizagem ao seu cotidiano, traçando ligações entre saberes que surgem durante a visita e suas experiências pessoais.

Assim, ao se falar em mediação entra-se no campo da comunicação, a partir desse caminho a mediação assume facetas múltiplas permeada pelos mais variados

desdobramentos na vida humana e suas interações. É nessa teia relacional e multifacetada que Martin-Barbero (1997) um autor de peso para os estudos da área, propôs uma leitura da mediação por meio de processos, em um campo de negociação de sentidos na vida em sociedade, campo este complexo e caracterizado por tensionamentos.

Orozco (1991) também tece contribuições fundamentais para o campo da mediação, similarmente, o autor acredita nas múltiplas mediações, denominado-as de fontes de mediação. Para ele é na mente dos sujeitos que iniciam-se essas fontes, se manifestando na vida humana por meio das experiências, sentimentos, emoções e também nos aspectos socioculturais, políticos, econômicos e educacionais, ou seja, ela se manifesta nos mais distintos contextos de formas variadas.

Nesse sentido, o turismo pedagógico alicerçado a mediação possibilita que o processo de aprendizagem possa ampliar e promover a interdisciplinaridade através da abordagem de conteúdos diversificados, fomentando a construção de um repertório cultural multifacetado. O intuito desta prática de turismo estimular os alunos a perceberem o atrativo enquanto um espaço de aprendizado. Desse modo, para interagir com esse ambiente, os educandos mais do que somente visitá-los, precisam se apropriar, criar um sentimento de pertencimento com relação aquele espaço e seus elementos, tornando-se, assim, participantes ativos do atrativo.

Portanto, é necessário que o sujeito seja instigado e motivado a participar do atrativo turístico, visto que: “frente a um estímulo, o sujeito intervém trazendo para a percepção real a memória de suas percepções passadas. Somente desta forma ele participa da formação do processo da experiência” (DEWEY, 2010).

3 METODOLOGIA

A pesquisa a ser utilizada neste trabalho é de caráter qualitativo (DENCKER, 1998), a qual envolveu estudo de caso, tal estudo escolhido por constituir-se como uma ferramenta significativa dentro do processo de uma pesquisa qualitativa, sendo: “um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado” (GOODE; HATT, 1969, p.422), estudo bibliográfico e análise de mapas mentais dos sujeitos da pesquisa.

Devido a quantidade de visitantes que o Inhotim recebe diariamente foi necessário realizar um recorte de público, focando dessa maneira nos participantes do programa “Escola Integrada”. Cabe dizer que tal iniciativa acontece semanalmente as terças e quartas-feiras, com o instituto recebendo duas escolas distintas por dia, totalizando cerca de 35 turmas. A faixa etária dos alunos participantes do programa abrange de 5 a 16 anos.

Como critérios para a escolha dos sujeitos, optou-se por: 1) Selecionar uma turma de estudantes que compartilhassem do mesmo contexto sociocultural e, 2) Alunos com faixa etária semelhante, de modo que, apesar de cada sujeito possuir sua subjetividade, os resultados esperados através das ações pedagógicas se aproximassem ao final da proposição.

Particular atenção foi dada tanto à maneira afetiva e respeitosa dos saberes e da cultura dos participantes, como no cuidado da escolha do material oferecido durante a mediação. As identidades dos alunos e professores foram mantidas em sigilo, como forma de garantir o anonimato dos participantes, além disso ocultou-se o nome da escola como forma de preservar a imagem do local.

Tendo esse cenário em vista, selecionou-se uma turma de 22 educandos da quarta série do ensino fundamental, constituída por alunos de 9 e 10 anos, estudantes de uma escola no bairro Citrolândia, localizado no município de Betim em Minas Gerais. Optou-se por direcionar a investigação para os alunos dessa faixa etária, devido ao fato de vivenciarem uma fase transitória entre a infância e pré-adolescência, onde grande parte dos discentes durante este período perde o interesse pelo aprendizado escolar, e podem apresentar certa dificuldade de socialização. Embora seja um público desafiador, por outro lado, são indivíduos mais suscetíveis a mudanças de condutas e na formação de valores socioculturais.

A escolha dessa turma também se justifica por já haver na escola, antes mesmo do Programa Escola Integrada, um projeto que visava fomentar nos alunos o sentimento de pertencimento em relação à comunidade na qual viviam. Segundo a professora representante da turma, grande parte dos estudantes desconheciam a história local e a complexidade que envolve histórias relacionadas ao isolamento compulsório, ao preconceito e à exclusão social.

Formada em função da ex-colônia de hansenianos, Santa Izabel, local onde os estudantes entrevistados residem, constituiu-se de moradores, em sua maioria, familiares de hansenianos que há anos atrás foram compulsoriamente isolados na região. De acordo com os relatos da professora e mentora do projeto escolar supracitado, seu papel era provocar nos alunos uma maneira diferenciada de aprender para além do ambiente escolar e conhecer a história do local em que pertenciam. Neste trabalho os resultados foram sintetizados por meio da análise de três educandos antes e pós-visita ao museu, pois, podem ser considerados os representantes que mais se aproximaram de maneira geral dos resultados adquiridos com os 22 alunos.

O procedimento metodológico proposto baseia-se em um diálogo entre reflexão teórica e a prática e tem como objetivo “construir um olhar” a partir do ver, observar, sentir, expressar e refletir o objeto artístico promovendo uma experiência a qual fomente um olhar crítico ao sujeito participante da investigação, neste caso, os alunos da região de Citrolândia, participantes do Programa Escola Integrada Inhotim.

É válido ressaltar que devido à quantidade de obras no acervo do museu, foram selecionadas aquelas cujo a história pudesse provocar maiores debates e discussões no grupo, estimulando-os a trazer para a visita percepções de experiências próprias, bem como aspectos da cultura e da memória. Com vistas a entrelaçar a subjetividade humana aos elementos expostos no objeto artístico. Cabe dizer que para o presente estudo, serão analisadas as obras mais recorrentes nos desenhos dos alunos, a saber: *By Means of a Sudden Intuitive Realization* e *The Murder of Crows*.

Na presente investigação, a metodologia do “Guia Básico de Educação Patrimonial” orienta para um “processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (HORTA, 1999, p.6). Assim, essa metodologia foi adotada no acervo artístico do Inhotim e utilizada para elucidar a importância de uma ação pedagógica fundamentada em propostas e significados geradores de transformações no processo formativo do indivíduo.

Elaborou-se um quadro (quadro 1) contendo as etapas metodológicas para o processo de aplicação dessa metodologia de educação patrimonial. Baseado na tabela de Horta (1999), a qual explicita as etapas, objetivos e recursos a serem utilizados durante o período de visitação.

Quadro 1: Etapas metodológicas ao processo de educação

Etapas	Recursos/Atividades	Objetivos
Observação	Exercícios de percepção visual/sensorial, levantamento de hipóteses, discussão, questionamentos, manipulação, experimentação, medição, comparação e dedução.	Identificação do objeto/função/significado das obras de arte; - Exploração das obras de arte; - Análise Crítica.
Registro	Mapas Mentais, descrição verbal ou escrita durante o período de visitação.	Fixação do conhecimento percebido e aprofundamento da observação.
Apropriação	Recriação, releitura, interpretação através de diferentes meios de expressão como pintura, escrita, música e etc.	Envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.

Fonte: Nascimento, Pereira, 2016.

Tais etapas também se assemelham ao ideal de Turismo Pedagógico, quando associado ao processo de ensino-aprendizagem. Na etapa de Observação, partiu-se da ideia de as obras de Arte Contemporânea oferecerem um diálogo com o espectador através da estética e dos elementos que a compõem. Assim sendo, foram utilizados os procedimentos didáticos propostos por Rancière (2002) a fim de se trabalhar uma metodologia emancipadora do sujeito, que giram em torno das seguintes perguntas: O que vejo? O que penso? O que sinto? Tais questionamentos serviram como ferramentas para inquietar o educando, bem como buscar subsídios para construir possibilidades de mediação e suscitar a motivação por busca de conhecimentos como propõe Rancière (2002).

A etapa de Registro teve como função consolidar a etapa de observação, por meio do Mapa Mental, o qual tem como função tornar visíveis os pensamentos, atitudes, sentimentos, tanto da realidade percebida quanto da imaginação, por meio de desenhos e símbolos que formam mapas que auxiliam na compreensão do imaginário do aluno.

Dessa maneira, foi possível oportunizar ao alunado expressar a experiência e as sensações antes da visita, durante e após a contemplação da obra. Essa etapa caracterizou-se de suma importância, pois a visita resultou em um produto final tangível, o qual além de proporcionar a consciência, contribuiu para o processo de fixação do aprendizado.

Na fase de Apropriação, objetivou-se criar o sentimento de pertencimento em relação ao aluno e ao acervo do museu, como forma de criar uma aproximação do educando com o espaço, ou seja, como parte integrante do acervo de um museu com vistas a se enxergar dentro do contexto museológico.

Portanto, em linhas gerais, afirma-se que a metodologia aqui contemplada apresenta um caráter aberto prevalecendo a empiria, onde enfoque da pesquisa realizada por meio do programa baseou-se no acompanhamento das atividades no contexto museológico.

4 RESULTADOS

4.1 Uma análise dos mapas mentais

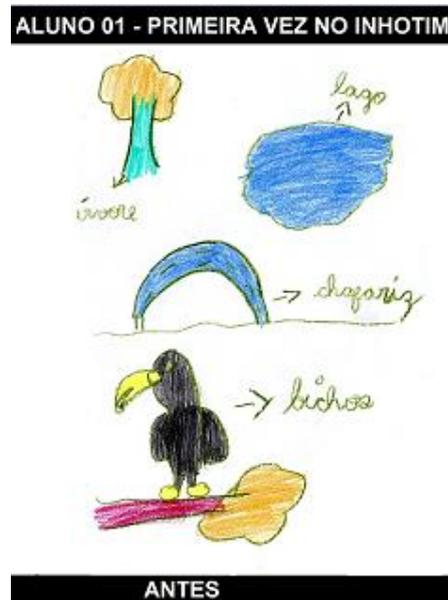
A partir dos mapas mentais verificou-se a imagem a priori dos alunos no período que antecedia a visita ao museu. Nas figuras 1 e 2 dos alunos 04 e 01, foram constatados pelas imagens e pelos relatos dos alunos durante a criação dos mapas mentais, a associação do museu aos elementos da natureza, tais como: animais, árvores e água, devido às imagens encontradas na internet quando foram solicitados a pesquisarem sobre o museu no período que antecedia a visita.

Figura 1: Aluno 04 – Primeira vez ao INHOTIM (antes da visita)



Fonte: Nascimento, Pereira, 2016.

Figura 2: Aluno 01 – Primeira vez ao INHOTIM (antes da visita)



Fonte: Nascimento, Pereira, 2016.

Mesmo o aluno 03 que realizava a segunda visita ao museu, ao se expressar apenas se lembrou do acervo botânico do Instituto (Figura 3). Quando os depoentes foram questionados acerca do significado de um museu, nenhum deles souberam responder com precisão, relatando-o como sendo um espaço de lazer, com a função similar a uma praça.

Figura 3: Aluno 03 – Segunda vez ao INHOTIM (antes da visita)



Fonte: Nascimento, Pereira, 2016.

Já na segunda etapa dos mapas mentais onde os alunos deveriam novamente materializar suas experiências através do desenho, constatou-se de acordo com as figuras 6, 7 e 8, uma mudança de percepções em relação às obras experienciadas pelos alunos.

Conforme mencionado anteriormente, as obras mais recorrentes nos desenhos e relatadas dos alunos foram: o Galpão Cardiff e Miller “*The Murder of Crows*” e a do artista Olafur Eliasson “*By Means of a Sudden Intuitive Realization*”. A primeira obra foi criada por Janet Cardiff e George Bures Miller, trata-se de uma instalação multimídia, que possui 98 saídas de áudio, dispostas em forma circular, em um galpão revestido de algodão de fibra de vidro. (Figura 4).

Figura 4: Galpão Cardif & Miller



Fonte: INHOTIM, 2016.

Inspirada na gravura de Goya, *O Sonho da Razão Produz Monstros*¹, *The Murder of Crows* é composta de gravações de marchas, canções de ninar, texto falado e composições musicais. Assim como de uma trilha de efeitos incidentais, a obra conduz o espectador através de uma narrativa de sonho que revela as qualidades físicas e escultóricas do som. De acordo o site do instituto as noventa e oito caixas de som são montadas sobre pedestais, cadeiras e paredes, e distribuídas à maneira de uma orquestra, convidando o visitante a acomodar-se em assentos dispostos no centro do espaço. Gerada por técnicas especiais de gravação e reprodução polifônicas, a obra em áudio emana das caixas de som e é composta por cantigas de ninar, marchas, textos e composições musicais.

O elemento foi escolhido por desconstruir os conceitos de senso comum acerca da obra de arte, classificados como pintura, escultura, dança e música. A arte contemporânea traz novos elementos e novas formas de utilizar os cinco sentidos. Assim, *The Murder of Crows* foi proposta com o intuito de estimular os alunos a interagirem com a obra através da audição, na tentativa de se alcançar uma experiência estética².

De acordo com a experiência do mediador, grande parte dos visitantes ao se sentarem nas cadeiras dispostas no ambiente, fecharem os olhos e se permitirem interagir com obra, criam diferentes narrativas quando comparadas a proposta da artista. O fato de o sonho ser descrito em inglês, língua desconhecida pelos alunos da turma, não impede a fruição da obra, e sim, contribui para o processo de interpretação, a partir do momento em que cada aluno atribui diferentes significados ao que é escutado e sentido.

Após saírem do galpão, o mediador inicia diversos questionamento aos alunos acerca dos significados da obra visitada. Um dos depoimentos mais intrigantes se refere ao relato de um aluno ter ouvido pela primeira vez em 3D, pois apesar de estar de olhos fechados, ele se transportou para a narrativa que criou, revelando ter sentido como se de fato tivessem aves voando pelo galpão, além de imaginar-se em frente ao mar. Outro aluno relatou sentir-se em um filme de terror devido ao tom da voz da narradora e às canções ouvidas durante a experiência com a obra.

Já na segunda obra *By Means of a Sudden Intuitive Realization* (Figura 5) criada pelo artista dinamarquês Olafur Eliasson, a obra que se encontra no centro do museu, é rodeada pela mata tropical presente no Instituto e é constituída por uma estrutura branca de fibra de vidro que forma uma espécie de semicírculo, similar a um iglu. Do interior, um mecanismo faz jorrar um fio d'água de aproximadamente 1,70 metro de altura. Iluminado por uma luz estroboscópica, a obra reúne dois elementos recorrentes na produção de Olafur Eliasson: a água e a luz.

Figura 5: *By Means of a Sudden Intuitive Realization*

¹ Para verificação da obra de Goya. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/cristinazecchinelli1/goya-arte>> Acesso em: 20 out. 2019.

² “Experiência estética é um encontro que não consiste em assimilar ou integrar a beleza que nos proporciona a natureza ou a arte, mas em participar no mundo natural e no mundo artístico, ou seja, não é a beleza da natureza ou da arte que entra em nós; nós é que entramos nesse mundo. Esta participação é possível porque o sentir estético é um sentir aberto à natureza e à arte”. Disponível em: <<http://www.notapositiva.com/resumos/filosofia/estetica.htm>> Acesso em 20 jul. 2016.



Fonte: INHOTIM, 2016.

Nesse sentido, cabe salientar, que a maioria dos alunos, na segunda aplicação dos mapas mentais, conseguiu interagir e ter uma experiência estética através da visita, como pode ser visto na figura 6, onde o aluno através de seu relato oral e desenho mostra sua visão do “Iglu” do artista da obra, inserido em espaço natural, o qual segundo o aluno, seria um espaço gelado e frio e ao ser colocado em uma floresta, adquire um novo sentido, se tornando uma obra de arte. Para ele no polo norte o iglu é a casa das pessoas e no museu ele se torna arte. Isso gerou intrigantes discussões durante a mediação na tentativa de se descobrir o que seria arte afinal.

Figura 6: Aluno 04 – Primeira vez ao INHOTIM (Depois da visita)



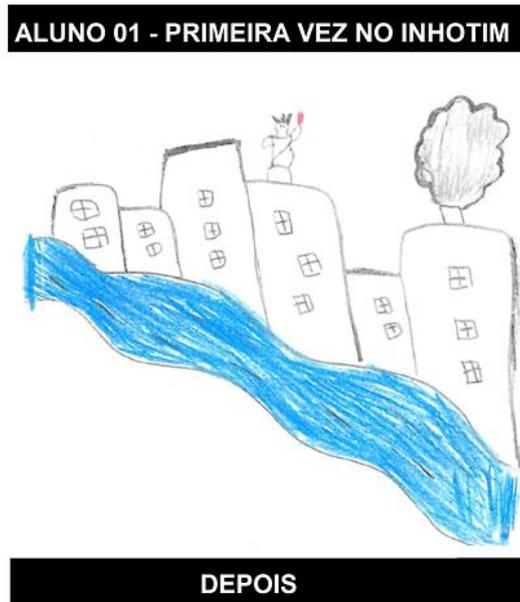
Fonte: Nascimento, Pereira, 2016.

Na figura 7, o aluno relatou a preferência em desenhar o aspecto mais marcante durante a mediação na obra do artista Olafur. No desenho, o aluno expressa a proposta

do artista ao criar cachoeiras artificiais em pontos na cidade de Nova Iorque com o intuito de exaltar elementos naturais, ultimamente despercebidos pelo olhar humano.

Já na figura 8, o desenho do aluno 03 mostra uma interação com a obra *The Murder of Crows*, segundo ele, aves voando por todo galpão. Fato esse que só pode ser enxergado durante a experimentação da obra de arte, ao ouvi-la e alcançar a fruição da obra de arte.

Figura 7: Aluno 01 – Primeira vez ao INHOTIM (Depois da visita)



Fonte: Nascimento, Pereira, 2016.

Figura 8: Aluno 03 – Primeira vez ao INHOTIM (Depois da visita)



Fonte: Nascimento, Pereira, 2016.

A partir da análise dos mapas mentais escolhidos acima, foi possível perceber como a visita ao museu se transformou em uma experiência de aprendizagem, onde o conhecimento pode ser vivenciando de maneira significativa pelos educandos, tal como destacado por Zamariolli (2011).

Observou-se que cada educando teve uma experiência diferente durante o período de mediação, por se tratarem de indivíduos que apesar de compartilharem de um mesmo ambiente cultural, possuem diferentes olhares e particularidades, fato este que se materializa ao se expressarem através dos mapas mentais. As variadas percepções ratificam à heterogeneidade, o conhecimento prévio e a experiência adquirida durante o processo de mediação.

Ao analisar os mapas mentais e relatos dos alunos, não considerou como resultado as técnicas de desenho, e sim a conexão do educando, verificando se de fato o aluno obteve um diálogo com a obra de arte, construindo significados, conceitos e criando narrativas; Com vistas a fazer perpetuar a autonomia dos educandos tal como defendido por Lowenfeld (1977). Tendo em vista a importância do incentivo dessas atitudes para o desenvolvimento cognitivo, através das várias linguagens que permeiam o objeto artístico em detrimento da imposição de interpretações padronizadas.

Para finalizar a visita, foram retomados os principais assuntos, conhecimentos e falas surgidas na visita. Assim, os alunos relataram a surpresa que tiveram ao ver o museu, pois imaginavam que a estrutura desse tipo de instituição deveria ser completamente fechada, onde se poderiam ver quadros nas paredes, fazer silêncio absoluto e não tocar em nada. Tais relatos demonstram os elementos que compunham o imaginário social dos alunos em relação a museu e a prática museológica.

Nesse linha, o museu aqui pesquisado vai ao encontro das colocações de Mello Filho (1999) o qual defende o papel da educação em espaços que além de visarem a apreciação, valorizem a natureza e a sociedade. Para o autor este processo necessita ser permeado pelo viés do respeito a diversidade cultural e étnica. Elementos esses detectados durante a mediação, tendo sido possível permitir aos alunos criar e descobrir o novo.

Outro relato importante a ser exposto, diz respeito ao de uma aluna expressando a importância para a vida das pessoas, pelo fato de ter aprendido coisas que nunca pensou em aprender por meio da arte, pois acreditava que o ensino sobre arte estava ligado somente a técnicas de pintura e escultura, as quais dificilmente são vistas no acervo artístico do Inhotim. Isso corrobora com o posicionamento de Dewey (2010) ao afirmar a necessidade de instigar e motivar os sujeitos com o atrativo turístico visitado, pois dessa forma os sujeitos confrontam percepções reais com as memórias de percepções do passado. Para o autor dessa maneira, os sujeitos participam da formação do processo de experiência, tal como ocorrido com a aluna.

A conversa foi finalizada pela professora relatando semelhante surpresa com o museu, e sensibilizada pela prática de mediação das visitas. Além disso confessou o quanto a visita agregou valores a própria prática de ensino, com vistas a serem levados para a sala de aula. Ressaltou, ainda, o fato de dar importância a voz dos alunos durante a prática educacional. Para ela, diante dos resultados dos mapas mentais, como benefícios obtidos durante a realização das ações foi possível diagnosticar uma observação mais atenta do dos alunos com o mundo ao redor, apreensão de conhecimentos e à ampliação da capacidade crítica do educando.

A partir desse quadro, a professora fez uma interrelação com a história do lugar de origem e residência dos alunos na ex-colônia de hansenianos, finalizando: percebo que a memória coletiva do lugar é constituída de lembranças que este grupo quer

esquecer. Há aquelas que são impossíveis de apagar e ainda existem experiências vividas na comunidade de pessoas que lutam para que não sejam esquecidas.

Ao analisar o depoimento supracitado da professora e os relatos dos alunos ao apresentarem os mapas mentais, foi possível constatar as mudanças de comportamentos, atitudes, valores, emoções e crenças, frente aos estímulos provocados durante o processo de mediação (MARTIN-BARBERO, 1997; OROZCO, 1991). A autonomia também se fez presente uma vez que os alunos traziam discussões pertinentes em relação às memórias e as percepções passadas. Criatividade, criticidade, liberdade e descobertas, foram alguns dos elementos destacados por Beltrame (2008) os quais foram detectados na postura dos sujeitos durante a mediação, evidenciando o potencial libertador do turismo pedagógico, o qual contribui para auxiliar os educandos a se tornarem sujeitos ativos.

Neste sentido, constatou-se o protagonismo do indivíduo nestes espaços, agregando valor ao lugar e aos monumentos. Logo, a autoestima e a noção de valor histórico foram trabalhadas à medida em que os alunos atribuíam a partir das discussões realizadas no Inhotim, a relação afetiva com o lugar em que vivem e a necessidade de valorizar a própria história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa Escola Integrada do Inhotim, ao fomentar a prática de Turismo Pedagógico em seu espaço, oferece o acesso a um tipo específico de expressão cultural, representada pela arte contemporânea, a qual além de ser a ferramenta educativa principal do museu, tem como intuito de democratizar o acesso ao museu, especialmente aos sujeitos que não possuem condições de frequentá-lo seja por questões sociais, econômicas ou culturais.

Partindo da perspectiva do museu como atrativo turístico, nota-se em muitas instituições ainda existe um condicionamento cultural, onde o visitante, enquanto espectador tende a ser colocado em uma posição passiva pelos chamados “guias de visita”, tornando-o mero receptor de conceitos, significados e mensagens muitas vezes acríticas relacionadas ao acervo.

Na busca pela integração do museu com a sociedade, o Inhotim, alinhado com as demandas internacionais de democratização da cultura e direitos humanos, descortinou barreiras paradigmáticas, por meio do fomento uma nova proposta museológica. Iniciando, a priori pelo espaço físico como museu a céu aberto, e posterior a isso, através da educação patrimonial unindo arte e meio ambiente.

Nesse sentido, os museus são ambientes privilegiados por oferecerem através da prática do turismo pedagógico as visitas mediadas. Quando bem planejadas, fomentam transformações de atitudes nos visitantes, especialmente naqueles dos sentimentos de cidadania incipientes. Além de apresentarem um potencial para gerar pertencimento e aumento na autoestima, uma vez que instigam as pessoas oriundas de distintas comunidades na construção do conhecimento a partir de referenciais históricos próprios, (re) criando sua própria identidade e tornando-os indivíduos críticos.

Já a escola possui o papel de possibilitar ao sujeito subsídios para a formação, e, para isso, necessita de uma concepção de educação em conformidade com as necessidades de uma formação crítica que permita aos indivíduos adquirir capital cultural, valioso para a construção de identidades.

Considerando o objetivo desta investigação, reflexões pertinentes foram destacadas acerca da importância do Turismo Pedagógico na formação do sujeito

crítico, através das diretrizes formadoras da educação não formal. Mediante a isso identificou-se os saberes dos alunos antes e após a mediação no museu, bem como os sentidos e significados subjetivos acerca das obras. Nesse sentido, a questão subjacente girou em torno de se criar uma ação educativa que enfocasse questões de autoestima e identidade, cultura e valores, aspectos desafiadores de serem abordados, tendo em vista a realidade frágil da comunidade a qual a turma pertence.

Partindo do pressuposto da subjetividade da experiência, a qual é por vezes possibilitada e limitada por meio do lugar na vida social, ou seja, da cultura, tradição e história; Levou-se em consideração tal cenário como base para se criar uma ação educativa que tocasse os sujeitos da pesquisa, e com isso primou-se durante o planejamento e aplicação da metodologia construir uma aproximação do educando, gerando uma familiaridade, aguçando o interesse, e estimulando-o a conhecer, a questionar e a vivenciar, como forma de valorizar a experiência museológica.

As metodologias utilizadas tiveram como intuito formar cidadãos com capacidade crítica, estimulando-os a criticidade. Assim sendo a assimilação dos conteúdos apresentados durante o período de mediação alicerçados a prática do Turismo Pedagógico, foram efetivamente alcançadas, tal como demonstraram os resultados dos mapas mentais dos sujeitos da pesquisa.

Entretanto, é preciso ter em mente a não existência de uma forma padronizada de mediação a ser seguida ou de propor ações. Devido à heterogeneidade dos sujeitos, duas pessoas já contemplam infindáveis possibilidades de entendimentos, ratificando assim que a educação dentro e fora dos museus é pessoal e única.

O desafio em relação à turma do Programa Escola Integrada - Inhotim investigada nesta pesquisa diz respeito ao processo continuado de aprendizagem. O processo educacional não se realiza apenas nos territórios institucionais. As pessoas aprendem, acumulando conhecimento ao longo do tempo a partir de fontes distintas.

Espera-se, assim, que a presente investigação ofereça subsídios para a elaboração de novas pesquisas, ampliando as possibilidades da prática do Turismo Pedagógico como ferramenta de ensino; e que esta pode, mediante um planejamento baseado nas diretrizes propostas pela prática de mediação, tornar os conteúdos mais compreensíveis e dinâmicos para os sujeitos. Cabe então aos educadores refletirem acerca do seu papel enquanto influenciadores educacionais, adaptando-se às novas realidades sociais e comunicacionais.

Como desdobramento da pesquisa, houve ainda, por parte do mediador, da professora e dos alunos a construção de diversos dados referente a história da comunidade a qual os alunos pertencem, contemplando questões relativas à identidade, ao fortalecimento da memória coletiva, da preservação do patrimônio histórico. Tal iniciativa propôs compreender os contextos culturais responsáveis pelos acontecimentos ligados à luta, resistência e superação que marcaram a trajetória dos moradores da Colônia Santa Izabel.

Como resultado, foi proposta a criação de um museu temporário dentro da sala de aula, onde seriam expostos, relatos, imagens, mapas, curiosidades, lendas e as experiências culturais vividas durante a época em que a ex-colônia ainda era utilizada como unidade de tratamento através do isolamento compulsório de pacientes de hanseníase e que repercutiram de maneira direta na história dos alunos que participaram desta pesquisa.

Portanto, o ensino bem como o processo de aprendizagem, precisam ir além do mero ato de transmitir informação, e sim como inesgotáveis possibilidades

transformadoras, fomentando o olhar curioso do buscar, fazer e aprender, contribuindo assim, para a formação de cidadãos críticos.

6 REFERÊNCIAS

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 17ª ed. Campinas: Papirus, 2008. 160p.

BELTRAME, Luiza Fafá. **Turismo e educação: um ensaio sobre bases conceituais e práticas para o turismo pedagógico**. 2008. 107f. Monografia (Graduação) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.igc.ufmg.br/images/igc/biblioteca/TUR23.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 5ª ed. São Paulo: Futura, 1998. 304p.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 648p

DURKHEIM, Emile. **Educación y Sociología**. Buenos Aires: Editorial Shapire, 1978. 120p.

FUNDARPE. **Festival Pernambuco Nação Cultural: educação patrimonial para o Agreste Meridional**. Recife: Fundarpe, 2011.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. 1ª Ed. São Paulo: Aleph, 2007. 88p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2003. 305p.

GOODE, William; HATT, Paul. **Métodos em Pesquisa Social**. 3ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969. 492p.

GOYA ARTE. Disponível em: < <https://pt.slideshare.net/cristinazecchinelli1/goya-arte>>. Acesso em: 20 out. de 2019.

HORTA, Maria de Lourdes Pimenta. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Museu Imperial, 1999. 68p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

INHOTIM. **Histórico**. Disponível em: < <http://www.inhotim.org.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

LOUZEIRO, Flávia Oliveira Silva. Experimentando o conhecimento: o turismo pedagógico como ferramenta para o Ensino Profissional. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.12, n.1, p.55-66, fev/abr. 2019. Disponível em: <

<https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6582/4201>>. Acesso em: 25 out. 2019.

LOWENFELD, Viktor.; BRITTAIN, Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. 1ª Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977. 440p.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 356p.

MELLO FILHO, Luiz Emygdio. **Meio ambiente e educação**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999. 152p.

MARANDINO, Martha. **Educação em Museus: mediação em foco**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. 48p. Disponível em: <https://www.academia.edu/7869590/Educa%C3%A7%C3%A3o_em_museus_a_media%C3%A7%C3%A3o_em_foco>. Acesso em: 20 jul. 2016.

MARANDINO, Martha. **Educação e Museu: a construção social de caráter educativo dos museus de ciências**. Rio de Janeiro: Access, 2003. 236p.

NOTA POSITIVA. **Filosofia estética**. Disponível em: <<http://www.notapositiva.com/resumos/filosofia/estetica.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 138p.

OROZCO, Guillermo Gómez. **Recepción televisiva: tres aproximaciones y una razón para su estudo**. México: Universidad Iberoamericana, 1991. 94p.

PARREIRA, Lucia. Aparecida; JOSÉ FILHO, Mário. A educação não formal: desafios de uma prática pedagógica. **Serviço Social & Realidade**, v. 19, n. 1, p. 241-268, jul./ago. 2010. Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/442/429>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

PECCATIELLO, Ana Flávia Oliveira. **O Turismo pedagógico como uma estratégia de ensino- aprendizagem sob a óptica dos parâmetros curriculares nacionais 3º e 4º ciclos do ensino fundamental**. 2005. 102f. Monografia (Graduação) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/turismo/memoria/monografias/>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 192p.

RUBIM, Ana Carolina Barroso. **A prática do turismo pedagógico no contexto dos museus: a experiência de museus das cidades do Rio de Janeiro e Niterói**. 2010. 65f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/1546/1/111%20-%20Ana%20Carolina%20Rubim.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2019.

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro. A formação de professores na perspectiva crítico emancipadora. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 17, n. 32, p. 13-31, jan./abr. 2011. Disponível em: < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9461>>. Acesso em: 25 out. 2019.

ZAMARIOLLI, Terena. **Arte e educação integral**. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz/Fundação Itaú Social, 2011. 112p. Disponível em: < https://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Tecnologias-do-bairro-escola_Vol4_Arranjos-Culturais.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Pedagogical tourism: a look at the formation of the critical subject through the practice of museological mediation

Abstract

This article summarizes the results of a research that aimed to understand the practice of Pedagogical Tourism at the Inhotim Institute through the art and education program proposed by the museum complex. As specific objectives the present work analyzed how the proposal of Pedagogical Tourism is applied in the museum, the educational tools used, the assimilation of the practice by the individuals and how this process contributes to the formation of the critical subject. The methodology used was qualitative, which included bibliographic research, application of a conceptual map in the research subjects and fieldwork, based on the “Basic Guide to Heritage Education”. As a result it was found the integration of the museum with society through Pedagogical Tourism, where the mediated visit provided a change of values and the sense of belonging of the students. The process of resignifying art through mediation, besides revealing the most intimate meanings and meanings of individuals, unveiled prejudice and discrimination. Thus, it was noted, the role of the practice of mediation that transposes the walls of the museum, encouraging individuals to reflect on their own life. Therefore, by detecting changes of thoughts and attitudes in the investigated public, the transformative role of Pedagogical Tourism was confirmed for the process of formation of critical subjects.

Keywords: Educational Tourism, mediation, heritage education, museum, critical being.

Artigo recebido em 08/10/2019. Aceito para publicação em 26/11/2019